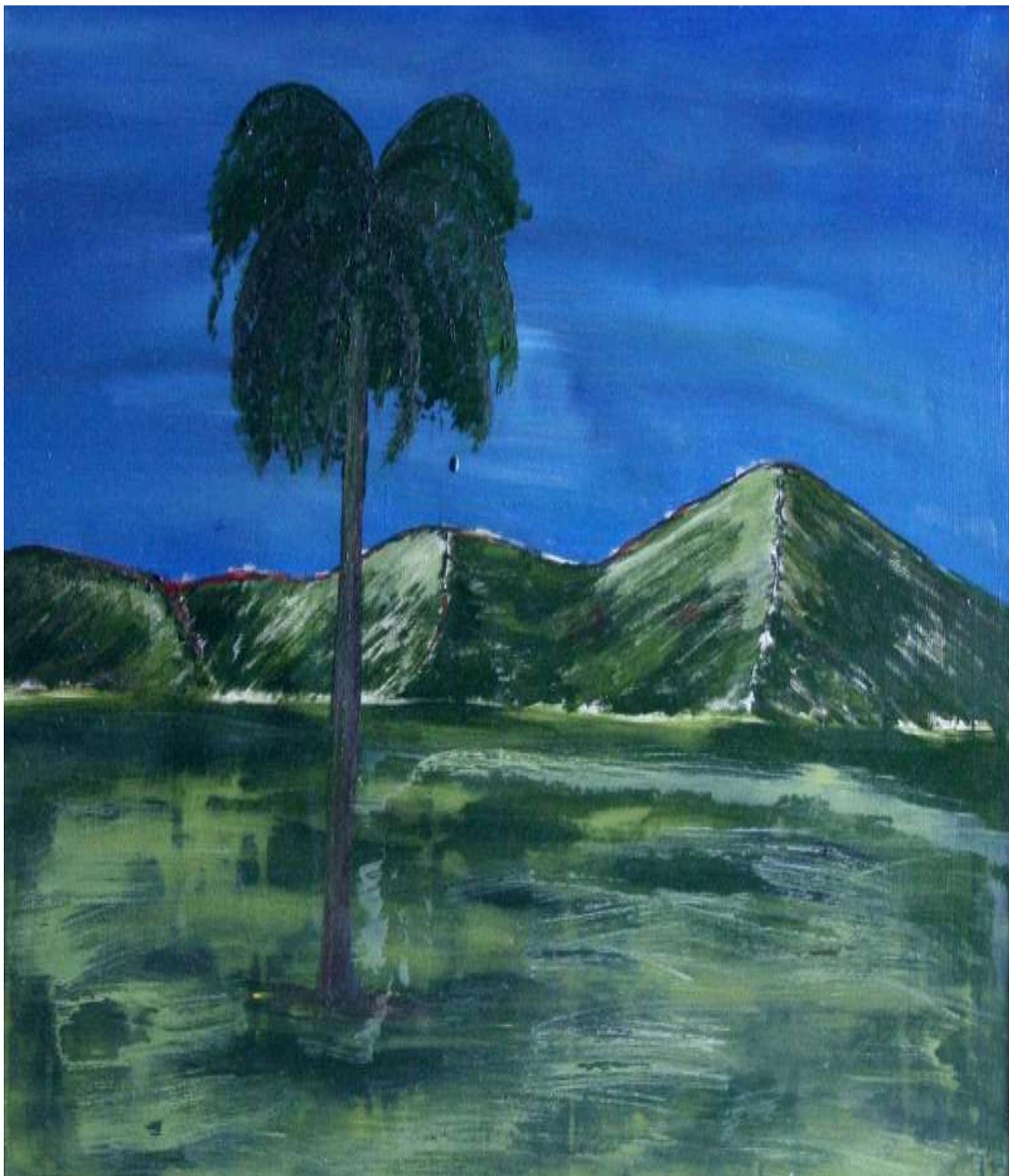


O Capitão da Luz





1647

O CAPITÃO DA LUZ

O CAPITÃO DA LUZ

CIP – Brasil. Catalogação na fonte
Machado, Décio
O Capitão da Luz

Décio Machado – São Gonçalo – RJ: O autor, 2012
60 páginas.

Literatura brasileira – História -Título

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada em qualquer meio ou forma, seja mecânica, por fotocópia, gravação, etc. Nem apropriada em sistema de bancos de dados sem expressa autorização do autor.

Copyright 2012 @ Décio Machado

Revisão: Joilma Batista

Capa: Décio Machado / Alexandre Martins

Ilustração: Décio Machado

Diagramação: Alexandre Martins

Foto do autor: Marcio Oliveira

Editora: Do autor

AGRADECIMENTO

Primeiro a DEUS por colocar em mãos os livros que deram lucidez a pesquisa sobre a vida do Capitão da Luz.

Ao meu querido irmão e historiador Denílson Machado por pontuar fatos cronológicos.

Ao historiador Paulo Alves pelo estímulo em pesquisar a história do bairro de Itaoca.

A minha mãe, o meu querido pai e a minha paciente esposa Leila Cássia. Sem eles nada existiria.

As minhas princesas: Gabriela (três aninhos), Luiza (um aninho).

Décio Machado

PREFÁCIO

O que a cidade de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro, tem haver com o romance "O GUARANI" de José de Alencar? Como a vida de um personagem português, pouco conhecido pela historiografia colonial e imperial, mistura-se nesta envolvente narrativa para ajudar a esclarecer a origem de um dos lugares mais bonitos da Baía de Guanabara? Este é o convite do escritor e produtor cultural Décio Machado, que nos faz neste importante livro, de minucioso trabalho de pesquisa sobre Francisco Dias (Capitão da Luz) que dá nome a esta obra.

A pesquisa traz luz aos apaixonados pela boa leitura, através de um relato fascinante sobre a origem da Igreja de Nossa Senhora da Luz e região. Revela-nos como grandes autores da língua portuguesa também beberam desta fonte.

Em seu quinto livro, Décio Machado confirma que como autor veio para ficar. Acredito que você se encantará ao folhear as páginas seguintes.

Denílson Machado

Historiador, especialista em História do Brasil Colonial (UFF),
História da África (FAFIMA) e Gestão Cultural (UERJ)

RESERVADO PARA A FUNDAÇÃO DE ARTE

RESERVADO PARA A FUNDAÇÃO DE ARTE

SUMÁRIO

A carta de Pero Vaz de Caminha	10
Empreendedorismo do Capitão	13
Casamento do Capitão	15
O Capitão funda a capela de Nossa Senhora	16
Morte do Capitão	17
Terras limítrofes	18
Contexto literário	20
Morte de Antônio de Mariz	23
A importância da família real no contexto Cultural Gonçalense	24
Questionamentos	27
Vale anotar	34
Galeria de fotos	35
A importância do relógio de sol na Fazenda da Luz	41
História do relógio	43
Funcionamento	46
Relógio de Sol de São Gonçalo	49
Leitores de plantão	52
Referências bibliográficas	53



Monte Pascoal, retratado por Décio Machado.

1

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

A carta de Pero Vaz de Caminha é considerada a certidão de nascimento do Brasil. Nesse relato, Caminha descreve a exuberância da nossa flora, fauna e os costumes de nossos índios. Tempos posteriores o Rei de Portugal D. Manoel I deslumbra a possibilidade

de explorar a nova terra mandando desbravadores cortar nativas madeiras e transportar a valiosa mercadoria para seus domínios. Por ser trabalho braçal e de muito esforço os portugueses tentaram aprisionar os índios para realizar essas tarefas, não conseguindo dominá-los, os invasores escravizam o povo africano que foi explorado por mais de trezentos anos.

O Brasil colonial era terra de grande cobiça, os bandeirantes vinham frequentemente saquear a riqueza e ao mesmo tempo conquistar o território. O Brasil do Século XVI era uma região de indígenas, soldados portugueses, jesuítas, escravos e traficantes. Os alfabetizados não passavam dos 5% da população, era proibida a construção de fábricas e o comércio exclusivo de Portugal. O rei precisava garantir a região e mandava construir grandes fortalezas (São Januário, Santa Cruz etc.) para expulsar os invasores estrangeiros e piratas oceânicos. Para prosseguir nessa tarefa necessitava de comandados e comandantes, mas os recrutas lusitanos não se apresentavam para servir a marinha portuguesa, pois tinham receio de atravessar o Atlântico com embarcações que frequentemente naufragavam por serem atingidas por maremotos. Por outro lado eram constantemente atacados por corsários e doenças desconhecidas como o escorbuto e a leptospirose que disseminava a tripulação.

Como estratégia para novos recrutamentos o clero e a monarquia portuguesa se juntaram para condenar jovens por motivos banais, e como penalidade os alistavam na marinha para servir no Brasil. Essa prática durou mais de 300 anos.



Forte de São Januário Rio de Janeiro

Em 1590, nasce em Portugal um menino chamado **Francisco Dias**, que aos dezesseis anos foi condenado a servir na marinha portuguesa e designado a prestar serviço na fortaleza de São Januário, Rio de Janeiro. Em (19/11/1606) dezanove de novembro de mil seiscentos e seis, registra-se no auto de fé celebrado na Igreja do Hospital de Todos os Santos em Lisboa, a condenação de três anos de degredo para o Brasil, de **Francisco Dias** (cristão velho, *hortelão e caminheiro), por não falar a verdade da cúria romana e negar que não sabia estar denunciado nesta inquisição.

Francisco Dias se dedicou à esquadra lusitana chegando ao cargo de Capitão. Enquanto oficial era conhecido como Francisco Dias da Luz. Ele recebeu o apelido da Luz quando a sua mãe ainda grávida seguiu em romaria de Faro até a cidade de Távira (Reino do Algarves), para visitar o Santuário de Nossa Senhora da Luz. Nessa Igreja, Francisco nasceu e, por vir ao mundo na casa de Nossa Senhora, toma o **apelido, da Luz.**

Hortelão: pessoa que trabalha na horta



PAU-BRASIL
Em Tupi-Guarani (IBIRAPITANGA)
Retratado por Décio Machado

2

EMPREENDEDORISMO DO CAPITÃO

Aos 23 anos, ou seja, em 1613 o **Capitão Francisco Dias da Luz** adquire o Sítio de Itaoca (que mais tarde recebe o nome de Fazenda da Luz). Ele explora o sítio através do **PORTO IBIRAPITANGA**.

Quando o Capitão da Luz se instalou nessas terras, já existia o porto construído pelos índios que o batizou de Ibirapitanga por possuir em suas margens uma vasta floresta de **pau-brasil**. O Capitão transporta a valiosa madeira para a Europa, tornando-se um

homem muito rico. Depois planta cana de açúcar que também comercializa para o velho continente. Até então o Capitão da Luz não residia no sítio, morava próximo da fortaleza de São Januário, caminhava pelo litoral, e admirava o mar. Em uma dessas andanças conhece Domingas e se apaixona pelo jeito e o rosto singelo da moça. O Capitão leva-a para conhecer o Sítio de Itaoca, ela se encanta pelo ambiente e se fascina com a paisagem da floresta que harmonizava com a Baía de Guanabara e a serra dos órgãos. Naquele instante ela faz um pedido, fazendo o Capitão prometer que quando se casassem, morariam no cativante lugar.

3

Casamento do Capitão

Em 09 de janeiro de 1620 o Capitão Francisco Dias da Luz casa-se com Domingas da Silveira que tinha 20 anos e vai morar na próspera fazenda. Ali, criam dois filhos: Francisco da Silveira Dias, nascido em 1621 e Cristóvão da Madre de Deus Luz. Ainda jovens, os meninos entram na escola paroquial se preparando para o sacerdócio. Contudo, Francisco da Silveira se torna um respeitado padre formado em Teologia e administrou a Diocese do Rio de Janeiro de 1670 a 1681 e Cristóvão da Madre, um frei provincial da Ordem Franciscana no período de 1681 a 1684 e depois retornou em 1694 a 1697.

Evolução do Brasão da família de Francisco Dias



4

O Capitão Funda a Capela de Nossa Senhora

Tendo como estímulo a religiosidade dos filhos e devoção a Nossa Senhora, o Capitão Francisco Dias resolve construir uma capela em homenagem a Senhora da Luz, essa ermida é inaugurada em 2 de fevereiro de 1647. Os filhos Francisco e Cristóvão celebram a missa, e dão os sermões na inauguração do santuário. A partir daquela data se estabelece o dia da padroeira, e todos os anos organizam as festividades da procissão de fé. O rito se estabelece quando retiram do altar à soberana imagem de Nossa Senhora da Luz e a levam pelas veredas daquele povoado. O Capitão Francisco Dias mandou fazer a bela imagem de escultura em madeira, tendo nos braços de Nossa Senhora o Deus Menino que é a luz verdadeira. A Santa Senhora tem na mão direita um cetro em sinal de que é a rainha do céu e da terra e na cabeça uma coroa onde sai um manto de pura seda.

Nossa Senhora da Luz



5

Morte do Capitão

Presume-se que o Capitão Francisco Dias da Luz, morreu em 1661, último registro oficial do forte São Januário. A sua esposa Domingas, faleceu em 24 de fevereiro de 1673. Ele aos 71 anos, ela aos 73.

Depois da morte, os filhos repassam a fazenda para o **Capitão Pedro Gago da Câmara**, provedor da **Santa Casa de Misericórdia** do Rio de Janeiro, a qual reformou a Capela de Nossa Senhora da Luz, tornando-a uma das mais belas do condado. O Capitão Gago morreu sem deixar herdeiros, entretanto um pescador que morava na ilha de Paquetá e devoto de Nossa Senhora cuidou da estância com grande dedicação.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA
PROVEDOR: PEDRO GAGO DA CÂMARA.



Imagem do edifício da Santa Casa de Misericórdia, feita por volta de 1858, por Victor Frond. Podemos observar o percurso da Rua Santa Luzia, tendo ao fundo o Morro do Castelo.



Limítrofe retratado por Décio Machado

6

TERRAS LIMÍTROFES

Na fase do Brasil Colônia, o Sítio de Itaoca fazia fronteira às terras de **Antônio de Mariz** (valente oficial da Marinha Portuguesa que lutou ao lado de Mem de Sá na expulsão francesa da Cidade do Rio de Janeiro, a sua fama percorreu léguas, ele abandonou a Marinha em 1582 e anos depois veio com a família morar em São Gonçalo).

A propriedade de Mariz localizava-se no **bairro de Neves**, e abrangia do Maruí (hoje pertencente à Niterói) a Ilha de Itaoca (hoje pertencente a São

Gonçalo). Concluimos que o Município de São Gonçalo começou a ser povoado pelas terras de Antônio de Mariz, já que recebeu esse sítio em 1563.

José de Alencar



7

CONTEXTO LITERÁRIO

Vale lembrar que no livro "O Guarani" (história de amor entre o índio Peri e a moça branca Ceci), tinha como personagem central Antônio de Mariz, pai de Cecília.

Com esses fatos, chegamos à conclusão que a vida de Antônio de Mariz serviu de inspiração para o romancista José de Alencar. O autor deixou registrado nas páginas desse livro a pesquisa sobre a família dos Marizes que povoou o Município de São Gonçalo na segunda metade do século XVI.

Citamos como prova desse relato, textos originais do livro "O GUARANI":

1- D. Antônio de Mariz: este personagem é histórico, assim como os fatos que se referem ao seu passado, antes da época em que começa o romance.

2- D. Antônio de Mariz tomou o seu brasão, as armas, a sua família, e foi estabelecer-se naquela sesmaria que lhe concedera Mem de Sá. Aí, de pé sobre a eminência em que ia assentar o seu novo solar, D. Antônio de Mariz, erguendo o vulto direito, e lançando um olhar pelos vastos horizontes que abriam em torno, exclamou:

_Nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás na alma de teus filhos. Eu o juro!

Isso se passa em abril de 1593; no dia seguinte começam os trabalhos da edificação de uma pequena habitação que serviu de residência provisória, até, que os artesãos, vindo do reino construíram e decoraram a casa.

3- "A habitação que descrevemos pertencia a D. Antônio de Mariz, fidalgo português da cota d'água".

4- “Brasão de armas: este brasão da casa dos Marizes é histórico, nos mesmos Anais do Rio de Janeiro acha-se a sua descrição, que copiei literalmente”.

BRASÃO DE ARMAS



5- “Hoje as grandes plantações de café transformaram inteiramente aqueles lugares outrora virgens e desertos”.

Vale lembrar que São Gonçalo era o maior produtor cafeeiro na época de José de Alencar, por volta de 1850.

6- Antônio de Mariz: em recompensa do seu merecimento, o governador Mem de Sá lhe havia dado uma sesmaria, a qual depois de haver explorado, deixou por muito tempo devoluto.

7- Em um círculo de uma légua da casa, não havia senão algumas cabanas em que moravam aventureiros desejosos de fazer fortuna. Assim constatamos os **primeiros povoadores de São Gonçalo** que se instalaram nessas terras.

8

MORTE DE ANTÔNIO DE MARIZ

Depois da morte de Mariz, a sua propriedade passou para o **Capitão Francisco Barreto**. Ali, edificou a **Capela de Nossa Senhora das Neves**.



Propriedade de Antônio de Mariz, retratada por Décio Machado.

9

A importância da família real no contexto cultural gonçalense

Chegando de Portugal em 1808 a Família Real se estabelece no Rio de Janeiro, com aproximadamente doze mil pessoas, entre elas: músicos, escritores, pintores, artesões e atores. D. João VI abre os portos às nações amigas e transforma a Baía de Guanabara no maior centro comercial do planeta. D. João precisando de investimento para estruturar a cidade vende títulos de nobreza para fortalecer os cofres públicos. Parte desse dinheiro constrói o primeiro teatro público do Brasil.

A empolgação era tanta, que os artistas, vindo da Europa, reproduzem os costumes culturais do velho continente, promovendo os grandes saraus e as manifestações folclóricas. Além disso, fortalecem as bibliotecas e as galerias de arte.

Depois de treze anos a Família Real retorna para Portugal e deixa D. Pedro I como sucessor da coroa portuguesa. Em primeiro de março de 1822 (seis meses da independência do Brasil), o Município de São Gonçalo recebe na Fazenda Nossa Senhora da Luz a ilustre escritora e pintora inglesa, Maria Graham, amiga e confidente da imperatriz Leopoldina. Ao chegar a Itaoca, Graham registrou em seu diário, detalhes da fazenda, especificando a estrutura do

engenho e a magnífica cerâmica. Seu importante testemunho mostra a existência dos produtos agrícolas: vastos laranjais, limoeiros, canaviais e goiabas.

Durante a visita de três dias, Maria Graham pintou um quadro com visão panorâmica da Fazenda de Nossa Senhora da Luz, tendo como fundo a Baía de Guanabara e a Serra dos Órgãos, esse quadro encontra-se no museu da Inglaterra, ele é o marco cultural de São Gonçalo em terras estrangeiras.

Podemos também destacar a participação de D. Pedro II, no histórico baile realizado na propriedade do Barão de São Gonçalo (Fazenda do Engenho – bairro Santa Isabel), com a presença da princesa Isabel, Conde D’eu e o Imperador.

D. Pedro II e a família real.



Da esquerda para a direita: a imperatriz, D. Antônio, a princesa Isabel, o imperador, D. Pedro Augusto (filho da irmã da princesa Isabel, D. Leopoldina, duquesa de Saxe), D. Luis, o conde D’Eu e D. Pedro de Alcântara (príncipe do Grão-Pará).

D. Pedro II viveu até 66 anos, morrendo de pneumonia, no luxuoso hotel Bedford, em Paris, no dia 5 de dezembro do ano de 1891. Seus restos, trasladados para Lisboa, foram colocados no convento de São Vicente de Fora, junto aos da esposa. Revogada a lei do banimento (1920), foram os despojos do imperador trazidos para o Brasil. Depositados de início na catedral do Rio de Janeiro (1921), foram transferidos para a de Petrópolis (1925) e definitivamente enterrados (1939). O ilustre governante passou à história como um intelectual apreciador da ciência, das artes e da liberdade de informação, aberto ao diálogo e amante da fazenda do engenho e da fazenda de Nossa Senhora da Luz.

10

Questionamentos

- 1- Constatamos que o bairro de Neves é o real nascedouro do município de São Gonçalo conforme registro de edificação da casa de Antônio de Mariz em 1593, depois da expulsão dos franceses do Rio de Janeiro.
- 2- Dizem que o Capitão Francisco Dias da Luz foi o primeiro a adquirir o Sítio de Itaoca. Isso é impossível, pois em 23 de março de 1568, Gaspar de Figueiredo, recebeu como doação essa mesma propriedade. Portanto, 22 anos antes do nascimento do Capitão da Luz.
- 3- Alguns livros apontam que a edificação da Igreja de Nossa Senhora da Luz, deu-se em 1700. Portanto, isso seria improvável, já que o Capitão Francisco Dias da Luz teria nessa data 110 anos. Por outro lado, a fazenda foi repassada para o Capitão Pedro Gago em 1673, onde a Capela sofreu uma grande reforma, comprovando a sua existência.
- 4- Vários registros afirmam que o Capitão da Luz, veio para o Rio de Janeiro combater os franceses na esquadra de Mem de Sá. Isso também é impossível, já que Mem de Sá chegou ao Rio em

1563 e o Capitão Francisco Dias da Luz nasceu em 1590.

- 5- Comentam que o Capitão Francisco Dias fundou a Capela de Nossa Senhora da Luz, mediante agradecimento por ser salvo de um naufrágio na Baía de Guanabara. Isso não é real, porque confundem o acontecimento com o naufrágio da Nau Nossa Senhora da Luz em 1615 (vindo da Índia).

Como prova dessa citação descrevo a carta do contador Manoel Pacheco de Lima, em 7 de novembro de 1615.

O naufrágio da nau Nossa Senhora da Luz

Em 7 de novembro de 1615 o contador da terceira ilha de Angra dos Reis conta em uma carta que uma caravela chamado São Felipe vindo da Índia apareceu em seu porto com muitos mortos e vários feridos, depois de socorrer uma caravela denominada Nossa Senhora da Luz, naufragada após uma surpreendente tempestade. Por solidariedade o contador Manoel de Lima doou uma grande quantidade de mantimento onde os marinheiros ficaram gratos.

RELATO ORIGINAL DO NAUFRÁGIO DA NAU NOSSA SENHORA DA LUZ.

O naufrágio da *Nossa Senhora da Luz*, 1615,
Faial, Açores (I).

Paulo Monteiro

AHU, Açores, 7 de Novembro de 1615
Carta do Contador da Fazenda da Terceira e Ilhas de Baixo [Manuel Pacheco de Lima] para o Rei [Filipe II] sobre a arribada da nau São Filipe à Terceira e do seu provimento.

Senhor

Em 5 do Presente aPareceo a vista desta ilha hua Nao que na grandeza pareseo ser da India ordenei o fosem reconhecer, veo o patram com repostado do capitam em que me avisava ser a Nao S. felipe de viaiem com muita gemte morta; e a viva tam doemte que não vinha de prestar asim no serviso comtinuo da bomba, como no ordinario da Nao, e que de mantimentos vinha tam neseditado que não tinha nenhus, e me fasia a saber que se de tudo o não proviamos com brevidade não çoo a Nao não Podia seguir viaie mas antes toda a gemte estava amotinada pera avir amcorar neste porto. E porque o provedor da fasenda de Vossa Magestade e o corregedor estam ausentes em outras ilhas em seu serviso, mostrei a carta ao bispo e ao mestre de camPo e a manuel do Camto provedor das armadas e por asemto que se fes foi ordenado fose socorrida a Nao com toda brevidade de todo o nesenario conforme a possibilidade da terra, na execusam do negoçio ouve tanta diligensia, que ao manheser do dia seguinte e - 6 - do mes partio hu barco grande com mantimentos e ao meio dia outro com 23 homens pera o serviso da Náo, e a tarde outro em que foi o escrivão da Náo e despinseiro Satisfeitos com os mantimentos que levavão, e com muita abundancia que levarão a Náo a vender vai bastantemente provida, e aquella mesma noite desapareseu que oie 7 do mes não se tem vista della. O que aguora me dá Senhor mais cuidado he a Náo Capitaina que tendo asentado tomarem esta ilha por a muita nesidade que tras, em dia de todos os Samtos 150 leguas desta ilha se apartarão e não temos vista della, pera cuio provimento estamos prestes, e se lhe metera dentro em 12 oras, e com igual cuidado se não comsente ficar se nada em terra. Os doemtes que ficam são muitos e os mais delles muito mal, e como lhe impedimos ficarem fazendas ficam pobrissimos mas no ospital se tem cuidado delles, que pera semelhantes occasions lhe dá Vossa Magestade 80\$ cada ano. Este pataxo vai com mea cargua, e por não lhe deixarmos tomar o reste lhe

prometemos - 20\$ - da fazenda de Vossa Magestade des mil se lhe deram loguo a demasia sendo Vossa Magestade servido se lhe paguem nesa çidade, o mesmo mestre dirá como procurei se fose loguo a iuntar com a Náo e aguora vai arriscado a encontra la. noso Senhor a Catolica peçoa de Vossa Magestade guarde. desta çidade de Amgra ilha terceira a 7 - de Novembro 1615
Manoel Pacheco de Lima

TRANSLADO

AHU, Açores, 20 de Novembro de 1615
Treslado do auto da junta em que se reuniram o Provedor das Armadas [Manuel do Canto de Castro] o Bispo de Angra [Agostinho Ribeiro] e o Mestre de Campo [Gonçalo Mexia] e em que se decidiram as acções a tomar reativamente ao naufrágio da nau capitânia Nossa Senhora da Luz.

Anno do nassimento de nosso senhor Jeshus Christo de mil seissentos e quinze aos vinte dias do mes de novembro do dito anno na cidade d'Angra desta ilha terceira nos paços Episcopaes, do senhor dom Augustinho Ribeyro Bispo deste Bispado de Angra E ilha dos assores do Conselho de sua magestade sendo elle presente E dom gonsallo messia mestre de Campo E castelhano do Castello sam filiphe do monte do brasil da dita çidade E governador da gente do presidio do dito Castello E bem assj Manuel do Canto de Castro fidalgo da casa del Rej nosso senhor provedor de suas Armadas Naos da jndia Mina E guiné em todas estas ilhas dos Assores E capitam mór em esta capitanja de Angra desta dita ilha hi por o dito Manuel do Canto de Castro foi dito e tratado com elles que elle tinha avizo de dom Manuel Coutinho capitam mór das Naos de viagem da jndia este presente anno por carta sua que presenteou porque o avizava em Como por caso fortuito a Nao capitanja nossa senhora da lux em que elle vinha tinha dado a costa em a ilha do faial junto a porto pim Costa da dita ilha onde elle ficava E que della sahia mujta fazenda pedindo lhe encaresidamente aCudisse Com toda a brevidade a dita ilha a mandar por em Cobro a dita fazenda Per assi Convir ao serviço do dito senhor, Como milhor Constava da dita carta pello que Elle como provedor que era das Armadas E Náos da jndia em todas estas ilhas tinha obrigasam de acudir ao avizo do dito capitão mor para nella Com o Corregedor que ja la devja estar segundo Recado seu tivera da ilha de sam george onde // Estava ao tempo do naufragio da dita Nao mandar aproveitar beneficiar E por em boa guarda a fasenda que se salvar da dita Nao, Artelharja E mais cousas della E mandar acudir E prover em todo o mais necessario principalmente per de presente não aver Causa mais urgente que o jmpidisse pois das Naos que se esperavão que eram tres huma que era sam Boaventura se perdera na viagem antes de dobrar o Cabo E a outra sam feliphe tomara este porto onde ele provedor a mandara prover E se tinha seya já chegada ao Rejno ou perto delle E agora se não esperava em esta ilha Armada alguma em que seja necessario sua assistensia pera a prover Pello que ficava livre a poder acudir a dita ilha como de feito estava embarcado pera ella

esperando somente tempo E por cima de tudo era também muito importante avisar a sua Magestade do sucesso E naufrágio da dita Não.

ConCertado

Manuel do Canto Fernão Foyo pitta

CARTA DO PROVIDOR

AHU, Açores, 14 de Novembro de 1615

Carta do Provedor das Armadas nas ilhas dos Açores [Manuel do Canto de Castro] ao Rei [Filipe II] sobre o provimento da nau São Filipe bem como do naufrágio da nau Nossa Senhora da Luz, na ilha do Faial, e das acções que tomou para o salvamento da fazenda.

Senhor

Com o pataxo que inviei de avizo da chegada da Nao Sam filippe a esta jlha escrevi a Vossa Magestade em como esta Nao se apartou vespera de todos os sanctos da Nao capitania Nossa Senhora da Lux de que vinha por capitão mor dom Manoel coutinho, e que a dita Nao ficava amainada couza de 150 legoas a loeste desta jlha, e atravessada, como que lhe soccedera algum desastre. Sam filippe, E a Caravella não poderião arribar sobre a Nao por ser o temporal muy forte, E Sam filippe vir ainda mais piadoza, de maneira que não podião ser bons a Ninguem, E se Deus a levou a salvamento a essa çidade (como confio) bem empregada foy minha diligência, porque elles parecerão a vista deste porto 5ª feira 5. de Novembro, tratando de metter a Nao no porto, onde, sem falta, se entrava, não podera tornara a sair segundo os temporaes correrão, E se perdera, E pera este effeito vinha a gente aMotinada, E não obedeção ao Capitão, E foy necessario, por minha ordem, uZar o patrão desta Ribeira de huma cautella, que fingindo os vinha anchorar, dobrou a Nao fora da ponta de Santo Antonio e descahiu de modo, que logo ficou gilaventeada do porto: jsto se acabou de fazer a mesma 5ª feira. A 6ª seguinte dia deu Deus huma calma, E tempo tam quieto, que pude prover esta Nao de muitos mantimentos e Refresco, E 50. homens da terra, E lhe deZembarquey ao pe de 70 homens quasi mortos, E isto andando a 7. e 8. legoas deste porto com tanta brevidade, que quando foy a boca da noute a Nao comessou de faZer sua viagem pera esse Rejno sobrevindo logo grande temporal, que durou 5. ou 6. dias, mas serviu lhe a Nao em popa; sera bem guiada com o favor de Deus. Esta mesma noute da 6ª feira pera o sabbado chegou a Nao capitania milagroZamente a jlha do fayal, que esta 30 legoas a loeste desta jlha com 30 palmos de agoa; ja a artelharia quasi toda allijada, e muita fazenda so com a esperança de salvar as vidas invistindo a primeira pedra que achassem, E assim de noute invistirão a terra por huma Rocha alcantillada, onde quebrarão o garopes da Nao, que defendeu de não tocar o Costado onde se

não podera salvar pessoa alguma; E discorrendo ao longo da Rocha a Nao, veyo alcançar huma anchora defronte do porto pim, onde lhe acudirão muitos barcos da terra, E dom Manoel procurando salvar alguma fazenda da Nao, tratou de não deixar deZembarcar a gente, que sustentassem as bombas, e gamottes ate amanhecer, E neste tempo veyo crescendo mais o mar, E temporal, e muita gente se lhe lançou aos barcos de maneira que a Nao veyo garrando sobre a amarra e veyo dar atraves nas pedras, onde em continente se fez em miudos pedaços, E o mar Lançou fora muita quantidade de fazendas: e da gente dizem que são mortas 150 pessoas. Dom Manoel foy o derradeiro, que quis sair da Nao cuidando se tivesse inteira, e Custara lhe a vida, porque o salvou hum Nadador ja meyo afogado, e sem acordo. Eu tive aviZo seu em o tempo dando lugar, que foy a 13 deste mes em que me dava conta de tudo, encareçendo me que acodisse a esta neçessidade logo fis conçertar huma caravella pera levar alguns buzios que mergulhem, E salvem alguma fazenda, E o patrão, E Carpinteiro, E outros ministros, E homens do mar pera que não fique por mim a salvação de alguma couza se a Deus der.

Neste porto de pim ha huma grande praya onde a Nao fez Naufragio onde tem saido muita caixaria, e fardos que se a de adoçar as Roupas, e fazer se com ellas muitas diligências, que avia eu mester, e os que me acompanhão cada hum çem olhos, mas não ficara nada por mim na diligência, e lealdade, que devo.

O Corregedor destas jlhas estava mais perto na jlha de Sam George, e porque elle, e seos antecessores são a pessoa que Vossa Magestade manda, que me assista particularmente nestes Negocios, e joão correa da Mosquita, que hora he Corregedor he hum ministro de que eu tenho muita satisfação, sendo avizado no mesmo Recado meu, tenho por Carta sua, que se arriscava a passar a jlha do fayal ainda que lhe custasse a vida pois estava della 7 legoas: mas correrão taes temporaes, que andava o mar tão brabo, que duvido podesse passar, posto que podendo, ainda que seia com grande risco de sua vida o tera feito. Eu fico embarcado a feitura desta a acodir a esta neçessidade, E daquella jlha avizarei a Vossa Magestade do estado de tudo: Resta agora, que Vossa Magestade me mande ordem se esta fazenda a de esperar na jlha do fayal, ou vir a esta jlha terzeira porque ha aqui duas couzas, huma o bollir com ella, e faZer outra escalla, E Custos, e perigo do mar; a outra que tenho por mais perigoza a pouqua conta em que os imigos tem a jlha do fayal, que com muita facilidade a entrarão muy poucos cossarios sem defenza, E sabendo que esta ahy esta fazenda probabelmente a acometterão.

Se Vossa Magestade he servido, que eu arme dous, ou 3. Navios com gente desta çidade, e passe a fazenda as caZas da Alfanega, E AlmaZens della fa lo ey, ou mande ver em que forma a poderey guardar, e do que Vossa Magestade assentar, me mande aviZar com tempo. E mande me Vossa Magestade escrever, que o sirvo muito bem, E ha muitos annos, E sou bem afortunado em seu serviço pella bondade de Deus. Não se me satisfaz dos conselhos com os avizos, e Repostas, que convem ao servisso de Vossa Magestade E assim me

he necessário mandar procurar huma Reposta de huma carta, como se fosse huma grande comenda: Governo me nestas couzas pellos Regimentos dos Reis passados, que Vossa Magestade não tem quebrados, e quando se fizera tudo o que contem Nelles, pode ser que forão as couZas mais a caminho, porque elles frequentavão muito esta Navegação, e tinhão muito poucas perdas e perigos, e ca onde estou com o pouquo que sei, podera advirtir a Vossa Magestade de alguans [sic] couZas, que se não conseguem, mas não tenho authoridade para tanto. Deus goarde a Catholica, e Real pessoa de Vossa Magestade escrita em Angra da jlha terzeira a 14 de novembro de 1615 Manoel do Canto de Castro.

11

VALE ANOTAR

1- Relação de Igrejas de Nossa Senhora no Município de São Gonçalo, registradas no livro "Santuário Mariano" de 1723:

- 1-Nossa Senhora das Neves do Sítio da mesma Marinha.
- 2-Nossa Senhora da Luz do Sítio de Itaoca.
- 3-Nossa Senhora do Desterro do Engenho de Tatindiba.
- 4-Nossa Senhora da Esperança do Engenho de Antônio Dutra.
- 5-Nossa Senhora do Rosário do Engenho de João de Araújo Caldeyra.
- 6-Nossa Senhora da Pena do Engenho de Miguel Aires.

2- Nomes dado a Fazenda de Nossa Senhora da Luz:

- 1-Itaoca (casa de pedra): batizado pelos índios;
- 2-Sítio de Itaoca (1568 a 1620);
- 3-Fazenda da Luz (1620 a 1647);
- 4-Fazenda de Nossa Senhora da Luz depois de 1647.

12

GALERIA DE FOTOS



Retrato de Maria Graham

«Todas as vezes que passo por um bosque no Brasil, vejo plantas e flores novas, e uma riqueza de vegetação que parece inexaurível. Hoje vi flores de maracujá de cores que dantes nunca observara: verdes, róseas, escarlates, azuis, ananases selvagens de belo carmesim e púrpura; chá selvagem, ainda mais belo do que o elegante arbusto chinês, palmeiras de brejo e inúmeras plantas aquáticas novas para mim. Em cada lagoazinha patos selvagens, frangos d'água e variedades de marrecos nadam por ali com orgulho gracioso...»

PINTURA DE MARIA GRAHAM



Preceptora de uma princesa no Brasil

Maria Graham saiu do Chile e iniciou a sua viagem de volta para a Inglaterra. Fez uma parada no **Brasil** e foi apresentada ao Imperador **D. Pedro I** e a sua família. Um ano antes, os brasileiros tinham declarado sua independência de **Portugal** e proclamado imperador o príncipe herdeiro português, residente no país.

Ficou acertado na ocasião que Maria Graham seria a preceptora da jovem princesa **D. Maria da Glória**. Por essa razão, tão logo chegou a Londres, entregou para publicação os manuscritos de seus dois novos livros, (Diário de uma residência no Chile durante o ano de 1822), e (Diário de uma Viagem ao Brasil), ilustrados por ela, e retornou ao Brasil no mesmo ano.

Desenho de Maria Graham



Árvore Dragão

Em seu livro "Diário de uma viagem ao Brasil"

Publicado em 1824

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA LUZ PORTUGAL



SANTUÁRIO ONDE NASCEU O CAPITÃO FRANCISCO DIAS

Antes do ano de 1596, a igreja de Nossa Senhora da Luz foi somente uma pequena ermida, segundo nos refere Félix José da Costa.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA LUZ
BRASIL - RJ - SÃO GONÇALO



CAPELA CONSTRUÍDA
PELO CAPITÃO FRANCISCO DIAS
1647

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA LUZ
MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO



FOTO MARITIMA

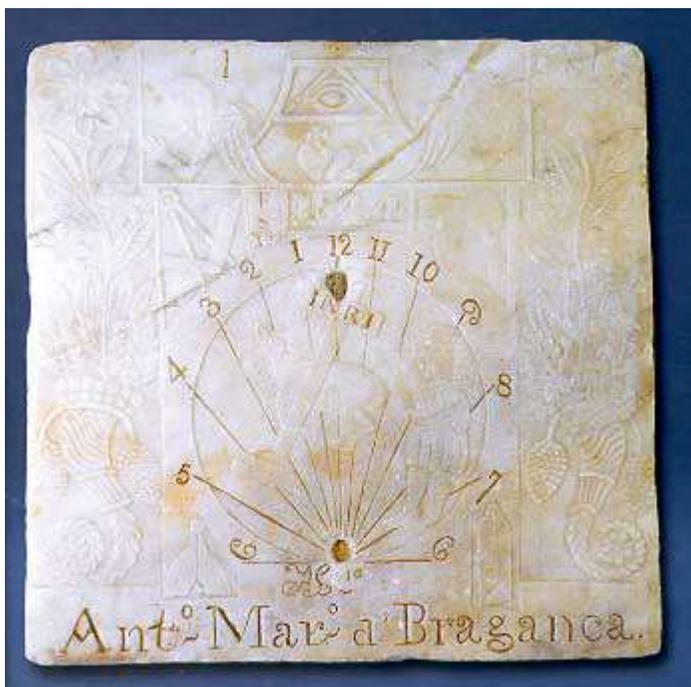
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA LUZ PORTUGAL



Detalhes do cerne

13

A importância do relógio de sol
Na fazenda Nossa Senhora da Luz.



Relógio de sol
Século XVI

Por muitos séculos, a humanidade se valeu da sombra de um objeto projetado pelos relógios de sol, para medir o tempo. Inicialmente a medição por parte dos homens primitivos estava baseada na modificação do comprimento de sua própria sombra, que crescia até o meio dia e decrescia na medida em que o dia se esgotava.

Posteriormente, a medição do tempo orientou-se para a identificação das estações do ano, que era informação essencial para as civilizações que praticavam a agricultura.

A divisão do dia em horas foi uma consequência natural da evolução das sociedades, para a marcação das práticas religiosas e atividades leigas.

Em 1647 a fazenda de Nossa Senhora da Luz produzia cana de açúcar, goiaba, limão e hortaliças. Nesse período o Capitão da Luz precisava da identificação do tempo e das estações do ano para realizar o plantio e a colheita desses derivados. O Capitão constantemente consultava o relógio de sol para estabelecer os períodos de chuva e de seca que é essencial para o desenvolvimento dos produtos agrícolas produzidos na fazenda. Na mesma ocasião à Capela de Nossa Senhora da Luz celebrava missas e procissões de fé em datas comemorativas. Assim estabeleciam o horário de início e término das orações que eram reguladas pelo relógio de sol da época. Podemos afirmar que o Medidor Solar foi com certeza a ferramenta essencial para o desenvolvimento agrícola e religioso da fazenda Nossa Senhora da Luz.

14

HISTÓRIA DO RELÓGIO DE SOL

Na Renascença, Nicolaus Copernicus (1473-1545) estudando o movimento dos planetas concluiu que o Sol era o centro do nosso sistema, mas por receio da reação da Igreja à nova idéia, somente teve seu livro publicado em 1545, ano de sua morte.

Galileo Galilei (1564-1642) em seu livro *Cartas sobre as Manchas Solares*, impresso em Roma em 1613, foi denunciado à Inquisição. Sua pena foi comutada para prisão domiciliar, que se estendeu até sua morte.

Por ocasião da Renascença em meados do século XV, as construções de relógios de sol, tiveram um grande impulso. Eram trabalhos que exigiam, além de habilidade artística, conhecimentos sobre o movimento aparente do sol. Em 1531, Sebastião Munster, cosmógrafo alemão, publicou seu trabalho detalhando o desenho e a construção dos quadrantes solares. O jesuíta Cristóvão Clavius (1537-1612), astrônomo alemão, publicou em 1581 um volume, no qual procurou colocar todo o conhecimento sobre o assunto até a época. O jesuíta Athanasius Kircher, por volta de 1646 em suas obras, dedica mais de 600

páginas à Gnomônica, descreve diferentes tipos de relógios de sol de sua criação e dedica especial atenção o aspecto artístico dos mesmos. Em 1692, o príncipe siciliano Carlo Carafa, fez publicar de sua autoria o exemplar *Horologium Solarium Civilium*. No século XVII, a Gnomônica chegou a constituir um ramo da educação.

É óbvio que os faróis que guiam à navegação marítima tenham seu funcionamento regulado pela hora. No Brasil, e em qualquer outro lugar, antes do advento das comunicações via rádio, os relógios controladores dos faróis eram acertados com o auxílio do relógio de sol. Para aperfeiçoar o controle da hora, uma instrução foi baixada, exigindo que os relógios controladores dos faróis fossem ajustados à hora local por leitura de relógios de sol, dizia: "O relógio controlador do farol deve ser mantido na hora certa se observando uma vez por semana, a leitura do relógio de sol da seguinte maneira - O Faroleiro Mestre deverá dirigir-se ao relógio de sol quando o sol está aparente e observar até que a sombra do gnomon quase coincida com a linha de qualquer hora ou meia hora, antes de acenar para o Assistente que deverá estar na janela aguardando o sinal. O Faroleiro Mestre deverá sinalizar à hora exata e certificar-se que o Assistente ajuste o relógio controlador. Em seguida verificar a Equação do Tempo gravada no relógio de sol e anotar o número de minutos que constituem a diferença daquele dia entre a leitura e à hora legal. Em seguida deverá dirigir-se à sala do relógio controlador e ajusta-lo, adiantando ou atrasando, conforme este esteja mais lento ou mais rápido que o sol neste dia". Esta citação foi extraída do livro

Scotland's Edge, de Keith Allandyre e Evelyn M. Hood.

Atualmente há um interesse renovado e são cada vez mais numerosos os grupos que se dedicam a estudar o relógio de sol. É de certa forma um retorno às raízes, quando a contagem do tempo se dava de uma forma mais natural. Hoje podemos ver o relógio solar como um objeto útil, pelo aspecto cultural, científico, instrutivo, artístico e decorativo.

Esses relógios foram de grande valia para os navegadores que chegaram ao Rio de Janeiro e conseqüentemente em São Gonçalo, e ajudou através da linha do tempo na orientação das embarcações que transportavam os produtos agrícolas e as madeiras da fazenda de Nossa Senhora da Luz para o velho continente.

15

Funcionamento do relógio de sol

O princípio do funcionamento do relógio de sol é a projeção da sombra de um "ponteiro", que é chamado de gnomon, sobre uma superfície, que corresponde ao mostrador dos relógios mecânicos, sobre o qual estão marcadas as linhas de hora.

A variação das horas em um relógio solar, depende da mudança de posição do sol na abóbada celeste. O movimento aparente do sol é causado pela rotação da Terra em torno de seu eixo (24 horas) que faz com que o Sol pareça estar levantando, a leste pela manhã e se pondo, a oeste à tarde.

O equador celestial, que é a projeção do equador da terra na abóbada celeste, é exatamente perpendicular sobre quem se acha no equador da Terra. O Sol parece subir e descer na esfera celeste durante o ano, devido à variação da declinação. No solstício de verão, no hemisfério sul, o Sol ocupa sua posição extrema

(Trópico de Capricórnio) quando o plano da eclíptica está fazendo ângulo de 23.4° ; no solstício de inverno o Sol está na sua posição extrema ao Norte (Trópico de Câncer) formando o mesmo ângulo de 23.4° . Durante o seu passeio o Sol vai pelas 12 casas do zodíaco, cada uma correspondendo a 15° de arco sobre a esfera celeste, na qual vão se sucedendo diversas constelações.

Datas em que o sol entra nos signos:

Áries	20/03
Touro	20/04
Gêmeos	21/05
Câncer	21/06
Leão	23/07
Virgem	23/08
Libra	23/09
Escorpião	23/10
Sagitário	22/11
Capricórnio	22/12
Aquário	20/01
Peixes	18/02

Fusos horários

O relógio de sol, sem a [correção de longitude](#), mostra à Hora Verdadeira Local (Hora Solar), que é diferente da hora que temos em nossos relógios, que indicam à Hora Média Local (Hora Legal). O deslocamento aparente do sol (na realidade é a Terra que gira em torno dele) se dá no sentido leste/oeste, numa velocidade de 1.668 km/hora (na altura do

equador), ou seja, algo em torno de 2,16 quilômetros por segundos. Isto quer dizer que, no sentido leste/oeste, uma pessoa que esteja a 1 km de uma primeira, terá o seu meio dia 2,16 segundos depois. Por isso temos os 24 fusos horários ou zonas de tempo, definidas por meridianos distantes entre si de uma largura equivalente há 1 hora. Isto resulta em 15° (graus) de longitude para cada fuso horário ou ainda, 1 grau de arco para cada 4 minutos de tempo. Cada fuso é identificado pelo meridiano Padrão, que é aquele que passa pelo meio. A zona "zero" tem por meridiano Padrão o 0°, que, por convenção do século XVII, coincide com o meridiano que passa pelo observatório de Greenwich, em Londres, Inglaterra; a primeira zona o meridiano 15°, a segunda o 30°...

O Brasil usa os fusos 45° e 60° (respectivamente -3 e -4 horas em relação ao meridiano de Greenwich).

16

RELÓGIO DE SOL DE SÃO GONÇALO

Depois de tantos séculos, foi construído em **São Gonçalo na Praça do bairro Parada Quarenta**, um exemplar do relógio de sol, reconhecidamente **único: equatorial e vertical de duas faces do planeta.**



RELÓGIO DE SOL DE SÃO GONÇALO
ÚNICO DE DUAS FACES DO PLANETA

Com a fundação do relógio de sol de São Gonçalo em 1990, foi criado um novo tipo de medidor que até então não existia.

Relógios registrados antes de 1990

Os relógios de sol são dos seguintes tipos: horizontal, vertical direto, vertical declinado, inclinado, polar, equatorial e reclinado.

Horizontal,

O "mostrador" fica paralelo ao plano horizontal e o gnomon alinhado com o meridiano local e o ponto de origem das linhas de hora voltado para o Norte Verdadeiro. Quando instalado no hemisfério sul é inversamente proporcional, voltado para o Sul. Quando instalado no hemisfério norte os relógios recebem a incidência direta do sol, durante todo o ano.

Vertical direto,

O "mostrador" perpendicular fica ao plano horizontal e a face perpendicular à direção norte/sul, exige desenho diferente para cada localidade. Os de face perpendicular à direção leste/oeste são universais, ou seja, podem ser instalados em qualquer localidade, independentemente da variação da latitude e longitude; a face voltada para o leste indicará apenas as horas da manhã e a voltada para oeste as da tarde.

Vertical declinado

É projetado para ser instalado em parede ou suporte que não seja exatamente perpendicular aos eixos norte/sul e leste/oeste. A declinação de uma parede é o ângulo formado por uma perpendicular a

esta com o meridiano local, ou seja, com a direção da tarde.

Inclinado e reclinado,

Projetados para serem instalados em bases que não sejam verticais ou horizontais, que fazem com o plano horizontal, portanto, ângulos diferentes de 90° ou 0° . É inclinado quando forma com o plano horizontal maior que 90° e reclinado quando menor.

Polar,

Projetados para serem assentados sobre superfícies inclinadas em ângulo igual ao da latitude do lugar e alinhados com o eixo leste/oeste. As linhas de hora são paralelas entre si e simétricas em relação à linha do meio-dia, sobre a qual está situado o gnomon, paralelo ao eixo terrestre. São universais, o que quer dizer que podem ser utilizados em qualquer latitude.

Equatorial,

É também um tipo inclinado e pode ser instalado em qualquer lugar, desde que o ajuste do ângulo formado pelo plano do "mostrador" e o horizontal seja igual à co-latitude do lugar (latitude - 90°). O gnomon é um pino perpendicular ao "mostrador" e assim estará paralelo ao eixo da Terra. Neste tipo de relógio de sol as linhas de hora são espaçadas de 15° entre si, independentemente das variações de latitude. Equatorial porque a superfície onde estão inscritas as linhas de hora fica num plano paralelo ao do equador.

Leitores de plantão.

Pela manhã, sinto-me um Camões, pegando a naus e saindo de Portugal para uma longa aventura pelos continentes e registrando em poesia a minha dor de dente.

À tarde, sou apenas nuvens, envolvido pelas correntezas dos ventos, sem ligar para os tormentos de ciclones naturais, que são sinônimos de vendavais.

À noite, sou estrela a procurar o que não posso encontrar e nem dispor do que tenho a propor.

Contudo, pareço-me aluado, toda vez que escrevo no infinitivo entre os verbos e os pontos finais que se encontram nas livrarias e nas bancas de jornais. Nesse instante, enfatizo as histórias que fiz de São Gonçalo ao Japão para transformar a vida em prosas consumidas por leitores de plantão.

Décio Machado.

17

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTUÁRIO MARIANO, Fr. Agostinho de Santa Maria. Histórias das imagens milagrosas de Nossa Senhora. Tomo X. Páginas 38 a 40. Ano de 1723.

O GUARANI, José de Alencar. Editor Martin Claret. Terceira edição. Páginas: 15; 17; 19; 20 e 40.

GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil, Belo Horizonte. Editora Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

FAZENDA, José Vieira. Os provedores da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, 1940.

PIZARRO e Araújo, José de Souza Azevedo. Termos de Visitas Pastorais, Rio, 1974.

Evadyr Molina. Notas para a história de São Gonçalo. Editora: São Gonçalo LETRAS. Páginas: 43 a 55.

Anuário Genealógico Latino, I, 28; Armando de Matos, Brasonário, I, 146-7.

Registra-se, no auto-de-fé celebrado na igreja do hospital de todos-os-santos em Lisboa de 19-11-1606, a condenação de três (3) anos de degredo para o Brasil, de Francisco Dias, cristão velho, hortelão e caminheiro, natural de São Martinho de Carracido,

arcebispo de Braga, e morador em Lisboa, “por não falar a verdade da cúria romana e negar que não sabia estar denunciado nesta inquisição”.

Paulo Alves. Exumação dos Buriche Coutinho

Dicionário das Famílias Brasileiras.

Citation Information:

Paulo Monteiro,
2003, The Nautical archaeology of the Azores: *O naufrágio da Nossa Senhora da Luz, 1615, Faial, Açores (I)*, World Wide Web, URL, <http://nautarch.tamu.edu/shiplab/>, Nautical Archaeology Program, Texas A&M University.

O Capitão da Luz